

RESISTÊNCIA E LEITURA NA ITÁLIA DE *A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA*, DE ITALO CALVINO

Cintia da Silva Moraes*

Resumo: este estudo propõe uma análise do personagem Zena do romance neorrealista *A trilha dos ninhos de aranha* (2004), de Italo Calvino, a partir da temática do exercício da leitura e da escrita. Ressalta-se a importância do personagem leitor na obra e destaca-se o movimento da Resistência Italiana em oposição ao Regime Fascista e à dominação alemã.

Palavras-chave: fascismo; literatura; neorrealismo; resistência italiana; Italo Calvino.

RESISTENZA E LETTURA NELL'ITALIA DI *IL SENTIERO DEI NIDI DI RAGNO*, DI ITALO CALVINO

Riassunto: questo studio propone un'analisi del personaggio Zena del romanzo neorealista *Il sentiero dei nidi di ragno* (2004), di Italo Calvino, a partire dalla tematica dell'esercizio della lettura e della critica. Si evidenzia l'importanza del personaggio lettore nell'opera e si distacca il movimento della Resistenza Italiana in opposizione al Regime Fascista e alla dominazione tedesca.

Parole-chiave: fascismo; letteratura; neorealismo; resistenza italiana; Italo Calvino.

Introdução

O romance *A trilha dos ninhos de aranha*¹, publicado por Italo Calvino em 1947, é uma narrativa que condensa experiências do cotidiano vividas por grande parte da população italiana durante a Segunda Guerra Mundial. Marco da estética literária neorrealista, a narrativa é protagonizada por integrantes das camadas populares e da classe trabalhadora, apresentando os muitos anseios por mudanças de uma difícil realidade política e social que a guerra só vinha a piorar.

A narrativa tem como protagonista uma criança, Pin, cujo percurso se dá em dois cenários que retratam o clima de tensão vivido pela Itália durante a Segunda Guerra Mundial: a sociedade civil, que convive com a ocupação alemã, e os partigianos da

*Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

¹ Neste trabalho utilizamos a edição de 2004, traduzida por Roberta Barni; os textos de Carla Forti são traduções de Elena Schembri (UFF), as demais traduções do italiano para o português são de nossa autoria.

Resistência² que, junto aos Aliados, lutam contra as forças do Eixo. Na cidade portuária em que Pin vivia com a irmã, Rina, prostituta, conhecemos um pouco sobre a vida das pessoas que vivem ali, suas dificuldades econômicas, a presença dos alemães e a instabilidade política perceptível nas conversas de Miscèl, o Francês; Gian, o motorista e o Girafa, fregueses da taberna frequentada, também, por Pin, cuja infância contrasta com os hábitos dos adultos que tenta imitar. Praticamente abandonado a si mesmo, Pin é estranho ao mundo das crianças, aquelas bem cuidadas pelos pais, que não permitem que seus filhos se misturem com um garoto desbocado e "malcriado".

É na taverna que Pin conhece Miscèl, membro do GAP,³ palavra misteriosa e recoberta pelo fascínio das coisas perigosas e proibidas. Incitado por Miscèl, Pin rouba a arma do marinheiro alemão que se relaciona com Rina, mas não lhe entrega a arma. Prefere guardá-la, como tesouro precioso, no esconderijo conhecido somente por ele, e que fica situado ao longo de uma trilha, num bosque, onde as aranhas fazem ninho.

Pin foge, é capturado pelos soldados e, na prisão, conhece Lobo Vermelho, um adolescente que possui certa influência política e que o auxilia a fugir da prisão. Após a fuga, Pin conhece Primo, um partigiano que o leva para o acampamento de Esperto, responsável pelo destacamento de partigianos da Resistência. Lá, são descritos vários outros personagens, como o comissário Kim (estudante), o comandante Ferriera (operário), Zena, rapaz que passa os dias a ler um grande romance policial. Todos têm suas histórias de vida antes da Guerra ou sobre os motivos que os levam a estarem ali e, principalmente, sobre as inúmeras dificuldades que enfrentam como partigianos.

Além do movimento da resistência italiana ao fascismo e à dominação alemã, um dos aspectos de cunho histórico-social retratados no romance é o exercício da leitura. As práticas leitoras têm relevância na configuração do personagem Zena, sobretudo se considerada a sua relação com outros personagens não leitores. No contexto da guerra, a leitura é situada no universo do combatente ao qual o livro faz companhia, dá alento e esperança.

Assim, ao descrever as atitudes do personagem Zena em um país que vivenciava os conflitos da Segunda Guerra Mundial, Italo Calvino acaba por oferecer ao leitor a possibilidade de refletir sobre questões ligadas à temática do livro, da literatura, do

² É época em que parte da sociedade italiana, de diversas camadas populares, se uniu num movimento armado em oposição ao Fascismo e à dominação alemã que foi denominado de Resistência Italiana (1943-1945).

³ Grupo de Ação Patriota. Tratava-se de pequenos grupos de partigianos, formados por iniciativa Partido Comunista Italiano, a partir do modelo da resistência francesa.

leitor e da leitura. Além disso, vislumbra-se a perspectiva de mudança de tal realidade: o leitor Zena não possui condições favoráveis para a leitura, mas ainda assim tenta incluir seus companheiros nessa atividade:

Às vezes, de noite, Zena, o **Comprido**, de alcunha Boné-de-Madeira, diz para Pin se calar um pouco, porque encontrou um trecho bonito do livro e quer lê-lo em voz alta [...]. Agora está lendo em voz alta com sua monótona cadência genovesa: histórias de homens que desaparecem em misteriosos bairros chineses. (CALVINO, 2004, p. 106)

O amadurecimento social da leitura

A revolução técnica, representada pela invenção da prensa móvel em 1450 em Mainz, Alemanha, por Gutenberg, trouxe grande impacto sobre os mecanismos de leitura, os hábitos e as práticas de leitura e ao mesmo tempo gerou uma profusão de novos suportes de leitura que até então não existia (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 22). Porém, por ser o livro um instrumento de poder (NOVINSKY, 2002) que promove o acesso ao conhecimento por meio da leitura, sua história perpassa situações que estão além da técnica. A história do livro e da leitura demanda a reflexão sobre o contexto histórico que regula os vários aspectos do comportamento social: política, economia, religião e cultura, uma vez que a história da leitura não é linear, mas passa por vários processos diacrônicos, intermediários e sincrônicos, que decorreram de diversos estágios de desenvolvimento (WITTMANN, 1998, p.140). Assim, observamos alguns aspectos ligados à leitura que marcaram profundamente a história política e social de várias comunidades, principalmente daquelas que estiveram submetidos à censura dos governos ditatoriais:

A censura é a mais forte arma que os regimes totalitários tem utilizado, desde a Antiguidade, para impedir a propagação de seus ideais que podem por em dúvida a organização do poder e seu direito sobre a sociedade [...] o controle do pensamento vigorou no mundo antigo, grego, romano, na Idade Média, mas foi no século XX que alcançou seu maior vigor. (NOVINSKY, 2002, p. 25)

Em tais sociedades, além da censura, o acesso à cultura escrita é normalmente restrito a uma minoria letrada devido ao baixo poder aquisitivo da maioria, às altas taxas de analfabetismo e, principalmente, à vontade política. Durante alguns períodos históricos, a alfabetização chegou a ser proibida aos escravos e às camadas subalternas da sociedade como obstáculo à difusão das ideias consideradas perigosas para a

autoridade religiosa e para os soberanos absolutos (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.25).

Com a ascensão da burguesia, a leitura ganhou função emancipadora e se tornou força social e produtiva, ampliou o horizonte moral e espiritual favorecendo o escape ao perigo da falta de orientação, que propiciou uma “nova identidade corporativa, tanto social quanto cultural” (WITTMANN, 1998, p. 138-144). Dessa forma, a busca pelo conhecimento tornou-se condição necessária, pois “era vital para a emancipação intelectual sobre a qual estaria fundamentada a ação política, além de suprir a informação e a disciplina necessárias para um auto-aperfeiçoamento moral e racional” (LYONS, 1998, p. 191-192).

Devido a isso, o século XIX foi marcado pelo crescimento da alfabetização, que favoreceu o surgimento de novas classes de leitores (mulheres, crianças, operários) e a diversidade nas práticas de leituras e, conseqüentemente, a dispersão dos modelos de leitura. Além da criação de várias bibliotecas públicas, a diversificação da produção impressa também contribuiu para aumentar o acesso à cultura escrita (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.36).

Em meados do século XIX, na maioria dos países desenvolvidos, a capacidade de ler se havia tornado comum, sendo a sua ausência considerada um demérito. Mas já no século XX, a censura ainda perseguia escritores e leitores, como na Alemanha nazista:

O principal foco da censura no século XX, porém, estava nos textos de cunho político. [...] A queima de mais de vinte mil livros em Berlim, em 10 de maio de 1933, apenas três meses depois de Adolf Hitler ter assumido o posto de primeiro-ministro do Reich alemão, foi algo marcante. (FISCHER, 2006, p. 273)

Alguns aspectos históricos e sociais do analfabetismo na Itália

A língua, a leitura e a escrita estão profundamente ligadas à história política da nação italiana. Segundo Irene Hatzopoulos (2011), anteriormente à Unificação Italiana, ocorrida em 1861, não havia uma língua oficial no país: o italiano era falado nos ambientes oficiais enquanto cada região falava um dialeto diferente. Dessa forma, grande parte dos linguistas afirma que a presença dos dialetos está ligada ao grande analfabetismo - principalmente no Sul. Além disso, um tratado de 1821 destinava a escolarização somente para os mais abastados, não contemplando as mulheres,

responsáveis pela disseminação da língua materna na criação familiar. O único aspecto cultural que podia ser ensinado sem distinção de classe social era a religião, proclamada com sucesso. Assim, o italiano soava artificial, já que o dialeto era recorrente na linguagem cotidiana para uma população que não tinha acesso à instrução escolar.

Logo após a Unificação da Itália, o nível de analfabetismo era maior que 77,7% (GENOVESI, 2007). O percentual chegou a 68,8% em 1871, em 1881 a 62,8%, em 1901 a 48,5%, em 1911 a 43,1%, em 1921 a 31%, e em 1927 a 25% (GAMBARO; BENINI, 2015). Ao fim da guerra, 1/8 da população (cerca de 6 milhões de pessoas) italiana não sabia ler nem escrever (RAI SCUOLA, 2000). Já em 2001, o censo realizado mostrou que os analfabetos maiores de seis anos de idade eram 782.342, passando de 2,1% em 1991 para 1,5%.

Em 1894, uma proposta de reforma no ensino feita pelo Ministério de Instrução Pública propunha a igualdade de acesso ao sistema de ensino básico comum: ler, escrever e conhecer a história da nação italiana. Ainda assim, a escolarização não teve muita abrangência, devido à falta de financiamento originada pela crise econômica. Porém a taxa de analfabetismo, de 56,0% em 1900, chegou a 13,8% no período fascista (1922-1943) (GAMBARO; BENINI, 2015). Esse crescimento da alfabetização foi possível por meio de dois principais motivos: o primeiro seria o empenho do Regime Fascista em unificar a língua do país, e o segundo foi que a alfabetização deixou de ser exclusiva da classe alta e passou a ter um caráter religioso, tendo sido assumida como função dos padres e das freiras nas pequenas cidades (GENOVESI, 2007).

O movimento político do Fascismo – iniciado após a Primeira Guerra Mundial – rejeitava os princípios da democracia liberal e, em sua fase totalitária, provocou consideráveis mudanças no estilo de vida e nos costumes da sociedade (ANTONELLI, s/d). Um aspecto de destaque é a política linguística do regime, pois, assim como em outros governos totalitários, o nacionalismo provocou efeitos contrários aos que se pretendiam para a defesa da cultura e da identidade nacional:

O início de uma política linguística rígida assim representou para os italianos um período de perseguição cilada para as próprias tradições linguísticas e culturais, sobretudo porque com a língua vem representada também certa maneira de ver e descrever o próprio mundo. (HATZOPOULOS, 2011, p.11, tradução nossa)

Proclamado como necessidade de se falar bem, o objetivo de tal conservadorismo era eliminar os dialetos e a língua falada pelas minorias e erradicar as

palavras estrangeiras, formando, assim, uma língua pura, que deveria ser padrão. Para garantir o sucesso da política linguística, uma das estratégias do regime foi a manipulação do sistema escolástico, apoiando-se em uma lei de 15 de novembro de 1859, a Lei Casati, que reconhecia os deveres e conferia direitos ao governo para intervir em tudo aquilo que resguardava as instituições escolásticas no país “o governo fascista queria obter o controle de cada aspecto da formação das crianças, assegurando (por assim dizer) o futuro do regime” (HATZOPOULOS, 2011, p. 13, tradução nossa).

Em 31 de dezembro de 1923, foi promulgada a lei nº 3126, denominada *A reforma Gentile*, que controlava o ensino nas escolas com o intuito de aprenderem a língua nacional, mas também de inculcar nas crianças a ideologia e os valores fascistas - para assegurar o futuro do regime. Até os manuais de alfabetização eram escritos na língua padrão (RAI, 2012): “a escola italiana em todos os seus graus e seus ensinamentos eram inspirados nos ideais do Fascismo e a viver no clima histórico criado desde a Revolução Fascista: esta era a diretriz de Mussolini a qual se devia obedecer” (HATZOPOULOS, 2011, p. 12, tradução nossa).

Com o fim do regime e no processo de reconstrução nacional após os desastres da segunda guerra, em 17 de setembro de 1947, um decreto-lei instituiu a escola popular e, mais tarde, entre 1940 e 1970, a presença dos dialetos foi novamente valorizada, como resistência e reafirmação identitária de cunho popular, depois de décadas de sufocação cultural. Na literatura e no cinema de estética neorrealista, várias obras foram realizadas com o intuito de recuperar aspectos da cultura italiana – sobretudo ligados às classes mais pobres – que o regime tinha tentado cancelar e que, no pós-guerra, renasciam como proposta de preservar as culturas regionais reapropriando-se do dialeto como prática cotidiana.

O Neorrealismo na Itália

No século XX, após a Europa renascer das desolações de duas Guerras Mundiais, grandes transformações ocorreram no plano político e social, principalmente na Itália. A Segunda Guerra, em especial, trouxe grandes prejuízos para a sociedade italiana: traídos pelo líder e ditador fascista, Benito Mussolini, os italianos enfrentavam grandes dificuldades econômicas, sociais e políticas, sem perspectivas de mudança (GINSBORG, 2006). Nessa época a parte não fascista da Itália se sentiu compelida a

defender a nação da dominação alemã e do regime ditatorial de Mussolini, e a determinação em reconstruí-la favoreceu a luta denominada Resistência.

A Resistência Italiana ou *Resistenza Partigiana* foi um movimento armado de oposição ao nazi-fascismo que visava expulsar os alemães entranhados e derrotar as forças fascistas, devolvendo a Itália aos italianos. Baseados na estratégia de guerrilhas, os *partigiani* membros da Resistência eram mulheres, operários, soldados, crianças, intelectuais e até católicos. Conforme Hobsbawn (1995, p.165-166):

Enquanto os italianos podiam deixar a memória de Mussolini para trás com a consciência limpa, os alemães, que tinham apoiado o seu governo até o fim, não podiam colocar distância entre eles próprios e a era nazista de 1939-45 [...]. O mesmo, não se deve esquecer, fizeram os elementos profunda e intransigentemente anticomunistas na Igreja Católica e seus exércitos de religiosos convencionais, embora a política da Igreja fosse demasiado complexa para ser classificada [...] como “colaboracionista” em qualquer parte.

Junto aos partigianos, partidos políticos constituíram o Comitê pela Libertação Nacional (CLN), organizações políticas criadas para promover e coordenar a Resistência contra o fascismo a partir do setembro de 1943, na última fase da Segunda Guerra Mundial. O comitê central, em Roma, era formado por seis partidos: (democrata trabalhista, comunista, socialista, liberal democrata, de ação, democrático cristão), que operaram na clandestinidade durante a guerra. Com o fim da guerra, continuaram exercendo algumas funções políticas até 1946, quando foi estabelecida a Assembleia Constituinte, realizadas eleições e desfeito o CLN (FORTI, 2004, p. 25).

Reunindo, além da classe trabalhadora comum, anarquistas, comunistas, liberais e socialistas, o CLN estava engajado na luta contra a dupla libertação da Itália: do nazismo alemão e da monarquia italiana que dera plenos poderes a Mussolini⁴. Para Pavone (1991, p. 26), a Resistência significa ao mesmo tempo liberdade e desobediência, pois “pela primeira vez na história da Itália unida os italianos viveram [...] uma experiência de desobediência em massa”, denotando que “apesar das ofensas sofridas e o desgosto pela injustiça em que tinham vivido” tinham um motivo comum e uma certeza:

A certeza da vitória caracteriza sem dúvida a inteira Resistência italiana se comparada às outras Resistências europeias. Enquanto os resistentes dos outros países, no momento de sua escolha inicial

⁴ Em outubro de 1922, o rei Vitor Emanuel III convidou Benito Mussolini para compor o Ministério do país, devido a uma tensão política criada por militantes fascistas, a Marcha sobre Roma (GUANCI, 2010).

arriscaram seja no êxito que a duração, os resistentes italianos arriscaram apenas na duração.(p. 40)

Com o fim dos conflitos, a população italiana e os setores produtivos da sociedade se dedicam ao trabalho de reconstrução da nação que, além de desmoralizada, enfrentava uma situação onde os meios de transportes e de comunicação restavam inoperantes e a economia nacional paralisada (GINSBORG, 2006). Também no ambiente cultural houve expressivo esforço em documentar a realidade da nação, desnudando o que o fascismo propositadamente ocultava. Na literatura, o Neorrealismo marcou esse tempo de reconstrução da nação italiana, pois nascido nesse contexto de mudança, primava por renovar as características estéticas tradicionais e conservadoras vigentes na literatura produzida até essa época.

Nesse período de reconstrução da Itália, o neorrealismo buscou se reapropriar do dialeto como prática cotidiana (representada literariamente) para fugir da imposição da língua padrão pelo regime e resgatar aspectos culturais da identidade nacional. O fundamento da criação estética era que o verdadeiro contato com a realidade possibilitaria a transformação social de que necessitavam: “o neorrealismo deveria ser antes de tudo um evento promotor de consciência” uma vez que “recordar a si e aos outros o que acabara de acontecer, então, é um programa didático que visa impedir que os mesmos erros sejam novamente cometidos” (SIEGA, 2013, p.143).

A nova mentalidade não contou com manifestos, tratados, nem com uma estética fundamentada, surgindo de um movimento histórico e da tradição oral, conforme Calvino:⁵

Durante a guerra *partigiana* as histórias que acabávamos de viver se transformavam e se transfiguravam em histórias contadas à noite ao redor da fogueira, já adquiriam um estilo, uma linguagem, um humor um tanto fanfarrão, uma busca de efeitos angustiantes ou truculentos. Alguns dos meus contos, algumas páginas deste romance, têm na origem essa tradição oral recém-nascida, nos fatos, na linguagem. (CALVINO, 2004, p. 6)

Para ele, o neorrealismo “foi um conjunto de vozes, em boa parte periféricas, uma descoberta múltipla das diversas Itálias, também – ou especialmente – das Itálias até então mais inéditas para a literatura” (CALVINO, 2004, p. 7). Assim, o período é a denominação de uma nova maneira de narrar o contexto italiano pós Segunda Guerra e Resistência, ou seja, “é um modo de organizar-se da experiência histórico-social de um

⁵ Prefácio à Segunda Edição de *A trilha dos ninhos de aranha* (1964).

momento da coletividade italiana; daqui sua função de signo em uma tipologia da cultura italiana pós-bélica” (CORTI, 1978, p.31).

Zena, um leitor em meio à guerra

No romance *A trilha dos ninhos de aranha*, publicado pela primeira vez em 1947, Italo Calvino representa algumas formas de apropriação da leitura e da escrita, bem como a ausência de tais práticas, primordiais na constituição dos sujeitos. Por meio dos personagens Pin, Lobo Vermelho e Zena, o uso da escrita aparece como instrumento em prol da política de libertação do país, enquanto a leitura é situada como forma de refúgio, instrução e consolo em meio à guerra.

Zena é um *partigiano* da *Resistenza*, que lê “um livrão chamado *Superpolicial*” (CALVINO, 2004, p. 106), enquanto aguarda no acampamento ou mesmo quando está em combate:

Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira, passa dias inteiros sem deixar a casinhola, deitado no feno moído, lendo um livrão intitulado *Superpolicial*, à luz de uma lamparina. É capaz de levar seu livro até nas ações, e de continuar lendo, apoiando o livro no pente da metralhadora, enquanto espera que os alemães cheguem. (CALVINO, 2004, p. 106)

Na concepção de Márcia Abreu (2001, p. 6), a ideia de conforto não está associada à prática da leitura, já que muitos leitores leem em ambientes adversos, como em pé nos ônibus, sentados no chão ou em praças. Por outro lado, Regina Zilberman (2012, p. 52) afirma que a leitura não é inata nem comum a todos os seres humanos, pois “a leitura enquanto prática supõe uma habilidade adquirida – a escrita – logo, a interferência do ensino e o recurso a um processo de aprendizagem, mediado por um professor”. Dessa forma, compreendemos por que nem todos os personagens próximos a Zena estão concatenados no mesmo contexto de leitura, principalmente o personagem Pin que faz oposição direta ao leitor e “não entende qual é a graça de ler, acha maçante” (CALVINO, 2004, p. 107).

Pin é o protagonista da narrativa, desenvolvida em torno de suas ações no beco onde vive, na taberna que frequenta e ao lado dos *partigiani*. Pin é ainda uma criança, mas não brinca com as crianças de sua idade – pois são impedidas de brincar com ele devido ao seu atrevimento e, principalmente, por saber e dizer coisas inadequadas para a sua idade. Ao redor dos adultos, naqueles momentos em que bebe, fuma e canta na

taberna, como gente grande, aprendeu muitas das coisas impróprias que diz. Porém, os adultos também não lhe inspiram confiança, “são uma raça ambígua e traidora” (CALVINO, 2004, p.47), por isso, sempre arruma um jeito de humilhá-los, por meio de suas brincadeiras maldosas. Pin também não frequenta a escola⁶ nem possui assistência familiar – a mãe é falecida, o pai desaparecera e a irmã, prostituta, não lhe dá atenção.

Já, afeito ao ato de ler, não há impedimentos que façam Zena desistir de sua leitura, ao contrário, ele cria momentos em que poderá ler sem ser interrompido pelos demais:

De noite, quando todos já estão dormindo na palha, Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira de alcunha Beijo-de-Boi, dobra o canto da página começada, fecha o livro, sopra a chama da lamparina e adormece com a face encostada na capa do livro. (CALVINO, 2004, p. 108)

Além disso, tenta envolver seus colegas para que se apropriem da leitura enquanto prática cultural “às vezes, de noite, Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira, diz para Pin se calar um pouco, porque encontrou um trecho bonito do livro e quer lê-lo em voz alta” (CALVINO, 2004, p. 106). O *partigiano* responsável pelo destacamento, Esperto, gosta de ouvir ler e pede silêncio aos demais para que consiga escutar a leitura de Zena, pois nunca teve paciência de ler um livro inteiro, mas tomara gosto em ouvir leituras quando estava na prisão e um velho detento lia em voz alta *O conde de Monte Cristo* (CALVINO, 2004, p. 107). Para Márcia Abreu (2001, p.1), “quando se generalizou a leitura silenciosa, ler em voz alta era uma forma de sociabilidade comum”, pois “por meio da leitura oral também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito”.

Zena não é um simples leitor, ele é a representação de leitor em uma comunidade que vivencia uma significativa instabilidade política e social, um leitor que se apropriou da leitura, da literatura ali registrada e também do próprio objeto, o livro, que lhe transmite segurança no enfrentamento à guerra e esperança por dias melhores, já que o livro “explica a vida naquelas cidades livres e felizes” (CALVINO, 2004, p. 108).

⁶ Naquela época, a escola era dominada pelo Regime Fascista (ANTONELI, Giulia, s/d).

Conclusão

No romance *A trilha dos ninhos de aranha*, Calvino expõe as reais condições políticas e sociais de vários setores da nação italiana, que lutavam pela libertação do Regime Fascista e da dominação alemã, por meio da configuração dos personagens. Ao observarmos as ações de Zena na narrativa, compreendemos a relevância do personagem-leitor no contexto da Resistência Italiana, tema da estética neorrealista, que permeia toda a obra. Ele nos faz pensar na importância da leitura e seus significados políticos e sociais, uma vez que entendemos ser a leitura uma prática cultural pela qual entramos em contato com diferentes fontes de informações e por meio das quais produzimos conhecimento e desenvolvemos o pensamento crítico.

Assim sendo, tal exercício auxilia no desenvolvimento da capacidade dos indivíduos de se posicionarem criticamente frente a determinadas situações, colaborando para a tomada de decisões úteis à resolução de problemas. Isso é construído progressivamente por meio de estudo, análise e reflexões de variados tipos e que vêm a integrar as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas nas sociedades em que vige o sistema da escrita.

No entanto, percebemos que a deliberação política é um fator determinante dentre as várias etapas do movimento que envolve a leitura. Os diversos processos de refinamento e amadurecimento social - que compreendem a invenção da prensa móvel, a substituição do pergaminho pelo papel, a padronização de tamanhos e letras, a edições populares com menor custo – não se equiparam à tessitura política, pois em alguns sistemas de governo existia a liberdade em adquirir um livro, manuseá-lo e lê-lo enquanto em outros era proibida até mesmo a alfabetização:

Ao longo de toda a história, regimes políticos ditatoriais sempre disseminaram a ideia de que a restrição da leitura e a destruição dos livros fariam que se tornassem mais poderosos e ganhassem tempo, ou seja, como se, por meio da anulação da história, pudessem criar um novo destino. Mas todas as alternativas fracassaram, uma vez que os regimes tinham a si mesmo como alvo. Uma sociedade esclarecida reconhece que a verdadeira força está na liberdade individual, da qual a leitura livre é a expressão máxima. (FISCHER, 2006, p. 274)

Desse modo, reconhecemos que a leitura, quando disseminada, é um elemento de desenvolvimento e de promoção de igualdade social, de elevação da categoria social e da própria estrutura social, significando um posicionamento político diante do mundo. Em geral, o avanço da alfabetização e a leitura pode propiciar resistência a regimes

despóticos e autoritários e àqueles que detêm o poder, por isso a terminante proibição da leitura em várias sociedades, principalmente as escravistas. Mas, “apesar disso, liam, bem como ensinavam os companheiros a ler. Assim como no caso da própria fé, é impossível coibir totalmente a leitura onde quer que seja" (FISCHER, 2006, p. 229).

Por um lado, o conhecimento desenvolvido por meio da leitura possibilitou grandes transformações sociais como o Iluminismo, o Renascimento Cultural, a Reforma Protestante, a Revolução Industrial e a Revolução Eletrônica. Por outro lado, a socialização do conhecimento e o combate ao analfabetismo, na Itália, foram motivados pela estratégia política de propagação do Regime Fascista. Ainda hoje, a leitura é um ato político, que contribui tanto para o esclarecimento e fuga das forças coercitivas quanto para a afirmação do poder, pois novos saberes e novas tecnologias aprofundam os poderes que massacram as culturas e as identidades nacionais, por isso sujeitos cada vez mais conscientes lutam contra as forças que tentam reduzi-las a objetos.

No romance analisado, o personagem Zena faz da leitura, também, uma tática de resistência,⁷ já que segundo Certeau (2007), a leitura é uma prática cotidiana de natureza tática (PEREIRA; SARTI, 2010). A atitude do personagem leitor contrasta, na ficção, a realidade imposta por pessoas como o primeiro-ministro do *Reich* alemão, que permitiu a queima de mais de vinte mil livros na cidade de Berlim em 1933 (FISCHER, 2006, p. 273), bem como com o empenho do Regime Fascista em propagar sua ideologia por meio da alfabetização e leitura de seus manuais. O *partigliano* lê um livro simples, pelo puro ato de leitura e pela liberdade de ler o que quiser, onde e como queira.

Referências

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. **Ensaio**s. Unicamp, 2001. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

ANTONELI, Giulia et al. La vita dei bambini durante il ventennio fascista. **Tenda per la pace e i diritti**. Disponível em <<http://www.memoriaeimpegno.org/storia-e-memoria/prima-del-39/36-vita-bambini-ventennio-fascista>> Acesso em 07 de setembro de 2015.

⁷ Em sua obra fundadora *A invenção do cotidiano* (1980) Michel de Certeau distingue as categorias de estratégias e táticas para tratar das relações entre dominantes e dominados. Para ele, as táticas são pequenos movimentos dos dominados que ensinam diferentes maneiras de fazer e resultam em sutis vitórias.

CALVINO, Italo. **A trilha dos ninhos de aranha**. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CORTI, Maria. **Il viaggio testuale**. Einaudi: Turim, 1978.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FISCHER, Steven. **História da Leitura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

FORTI, Carla. Lotte mezzadrili dell'immediato secondo dopoguerra. **Centro per la Didattica della Storia**, Quaderno n. 7, p. 15-39, maio 2004.

GAMBARO, Angiolo; BENINI, Rodolfo. Analfabetismo. **Enciclopedia Italiana Treccani**, p. 1-19, 2015. Disponível em <[http://www.treccani.it/enciclopedia/analfabetismo_\(Enciclopedia-Italiana\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/analfabetismo_(Enciclopedia-Italiana)/>) Acesso em 27 de junho de 2015.

GENOVESI, Giovanni. **Storia della scuola in Italia dal 700 a oggi**. Bari: Laterza, 2007.

GINSBORG, Paul. **Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi**. Turim: Einaudi, 2006.

GUANCI, Vincenzo. 1922, La Marcia su Roma. **Enciclopedia Italiana Treccani**, p. 1-2, 29/04/2010. Disponível em <http://www.treccani.it/scuola/maturita/terza_prova/storia_contemporanea_in_immagini/2_20.html> Acesso em 02 de outubro de 2015.

HATZOPOULOS, Irene. **Il mistilinguismo italiano: il dialeto nella letteratura in língua standard**. Florença: Middlebury College School in Italy, 2011.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, p. 165-202.

NOVINSKY, Anita. Os regimes totalitários e a censura. In: CARNEIRO, Maria Tucci (orgs.). **Minorias silenciadas**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 25-35.

PAVONE, Claudio. **Una guerra civile: saggio storico sulla moralità nella resistenza**. Turim: Bollati Boringueri, 1994.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria & SARTI, Flávia Medeiros. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. **História da Educação ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, v.14, n.31 p.195-217, maio/ago 2010. Disponível em <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em 01 de setembro de 2015.

RAI. Leggere, scrivere e far di conto: storia della scuola italiana—parte prima. **La storia siamo noi**, p. 1, Roma, RAI, 2012. Disponível em <<http://www.lastoriasiamonoi.rai.it/puntate/la-scuola-media-unica/561/default.aspx>>. Acesso em 01 de julho de 2015.

RAI SCUOLA. **L'alfabetizzazione: storia sociale d'Italia 1945/2000**. Disponível em: <<http://www.raiscuola.rai.it/articoli/l-alfabetizzazione-storia-sociale-ditalia-19452000/7120/default.aspx>> Acesso em 01 de julho de 2015.

SIEGA, Paula Regina. O diário cinematográfico de Cesare Zavattini: memórias da guerra e dever de não esquecer. **Aletria**, v. 23, n. 2, p.137-150, maio/ago 2013.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. p. 135-163.

ZILBERMAN, Regina. Leitura: dimensões culturais e políticas de um conceito. **Nonada Letras em Revista**, n. 18, p. 47-70, 2012.